

# um estranho numa terra estranha / volume 1 robert a. heinlein

A versão original do clássico de ficção científica  
completa e sem cortes, com um prefácio de Virginia Heinlein

Tradução de Jorge Candeias



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## NOTA INTRODUTÓRIA

*O presente texto revela elementos do enredo do livro.*

Uma expedição a Marte termina em desastre e resta apenas um sobrevivente, um bebé que é criado por marcianos. A criança, o protagonista Michael Valentine Smith, cresce e regressa ao planeta Terra para viver entre os humanos pela primeira vez, tornando-se o foco de uma vasta intriga política.

Esta premissa aparentemente simples acabaria por dar origem a um dos maiores fenómenos literários da década de 60 da autoria de Robert Anson Heinlein, um autor à altura já consagrado pelo seu trabalho no género da ficção científica e vencedor de vários prémios Hugo.

Quando *Um Estranho numa Terra Estranha* é publicado em junho de 1961, Heinlein propõe-se a pôr em cheque os códigos morais e sociais vigentes no seu tempo. E fê-lo com um sucesso considerável. Desde a sua publicação, o livro nunca mais saiu de circulação e não se restringiu ao círculo habitual de fãs de ficção científica. Tal como *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien, era um dos livros mais cobiçados e discutidos entre o público universitário e acabou por inspirar o movimento da contracultura emergente no início da década de 60.

Heinlein escrevera a obra ao longo da conservadora década de 50, mas sentiu os ventos de mudança a chegarem. O que se seguiu foi uma década marcada pelo lema de sexo, drogas e *rock n' roll*, por protestos contra a guerra do Vietname e pela luta pelos direitos civis que acabaram por precipitar

mudanças dramáticas na sociedade norte-americana. Michael Valentine Smith é o arauto (ou será antes o arcanjo?) dessa mudança.

Se é verdade que Mike começa a assimilar o modo de vida humano, também ele acaba por retribuir de um modo único ao transmitir os seus rituais e o conceito marciano de grocar. O termo entrou rapidamente na cultura popular para designar uma ligação empática, mas adquire contornos mais profundos, quase divinos, no livro. Um indivíduo funde-se com a própria água que bebe, ou seja, dá-se o grocamento. Após viver ao máximo as experiências humanas, Mike decide fundar a Igreja de Todos os Mundos, onde esse grocamento é levado à sua representação mais profunda, e é então que Heinlein se liberta de todos os preconceitos e procura dar ao leitor novas perspetivas.

O modo de vida que retrata na obra pautado por anarquia, partilha, amor livre e vida comunitária – que tanto inspiraria a cultura *hippie* – era extraordinariamente invulgar e não por acaso, enquanto ainda escrevia o livro, Heinlein escolheu o título provisório *O Herético*, sabendo que o manuscrito continha uma visão radical das instituições religiosas e das relações pessoais.

A sua esposa Virginia conta no prefácio publicado nesta edição como os editores de Heinlein tinham considerado o manuscrito original demasiado invulgar e pediram ao autor para reduzir substancialmente o texto, em particular as partes que consideravam ofensivas à norma estabelecida. Heinlein acedeu ao pedido, mas após a sua morte a sua esposa recuperou o manuscrito original, que foi reeditado e se tornou a edição *standard* do autor.

A edição longa e original é um testemunho do seu tempo social e político específico e capturou o *zeitgeist* de uma sociedade que estava prestes a atravessar convulsões profundas.

Para além de Michael, importa referir outra personagem central no enredo, Jubal Harshaw, que representa um alter-ego do próprio autor. Um famoso médico, advogado e escritor e que viveu uma longa e aventureira vida, Jubal vê em Mike a oportunidade de lutar contra a autoridade vigente, acabando por se tornar uma figura paterna para o humano-marciano e o patrono da sua Igreja. E é através da personagem de Jubal que está presente grande parte da misoginia e sexismo expressa no livro; as cenas com o seu harém de secretárias ferem as nossas sensibilidades de hoje, mas têm de ser lidas à luz de uma sociedade profundamente avessa à ideia de uma mulher emancipada e em pé de igualdade com o homem.

Dividido em cinco partes que relatam o percurso de Michael – A Sua Origem Maculada, A Sua Herança Escandalosa, A Sua Educação Excêntrica, A Sua Carreira Escandalosa, O Seu Destino Feliz –, o livro estabelece um paralelo com a vida de Cristo que não passa despercebido. A vida e morte de Michael são orquestradas por ele próprio com o intuito de conquistar uma aura messiânica cujo impacto será eterno na Terra.

E assim como Michael alterou a vida dos terráqueos, também a publicação desta obra seminal permitiu quebrar novas barreiras e dar um passo em frente na reflexão de temas poderosos como a política, a responsabilidade individual, a natureza do amor e o Homem. Inscrito no cânone da ficção científica como um dos romances mais populares de todos os tempos, a história deste estranho numa terra estranha ainda hoje nos leva a questionar as nossas aspirações mais profundas e continua a despertar sentimentos fortes – por vezes contraditórios – nos leitores.

Safaa Dib



*«O amor é aquele estado em que a felicidade de outra pessoa  
é essencial para a nossa.»*



Para  
Robert Cornog  
Fredric Brown  
Philip José Farmer





NOTA:

*Todos os homens, deuses e planetas nesta história são imaginários.  
Lamentamos qualquer coincidência de nomes.*

— R. A. H.



## PREFÁCIO

**S**e acha que este livro parece ser mais grosso e conter mais palavras do que as que encontrou na primeira edição de *Um Estranho numa Terra Estranha*, a sua observação está correta. Esta edição é a original — é como Robert Heinlein a concebeu e a passou ao papel.

As edições anteriores continham pouco mais do que 160.000 palavras, ao passo que esta tem cerca de 220.000. Os exemplares manuscritos por Robert continham geralmente entre 250 e 300 palavras por página, dependendo da quantidade de diálogo. Portanto, usando uma média de cerca de 275 palavras, com o manuscrito a ocupar 800 páginas, obtemos um total de 220.000 palavras, talvez um pouco mais.

Este livro era tão diferente daquilo que em geral se vendia ao público, ou ao público leitor de ficção científica, em 1961, quando foi publicado, que os editores exigiram alguns cortes e a supressão de algumas cenas que poderiam ter sido ofensivas para o gosto do público da altura.

O número de novembro de 1948 da *Astounding Science Fiction* continha uma carta ao editor a sugerir títulos para o número de um ano depois. Entre os títulos constava uma história por Robert A. Heinlein — «Gulf».

Numa longa conversa entre esse editor, John W. Campbell, Jr., e o Robert, conclui-se que haveria tempo suficiente para permitir que todas as

histórias que o fã intitulara fossem escritas e a revista saísse em novembro de 1949. Robert prometeu entregar um conto com aquele título. A maior parte dos outros autores também aceitou a brincadeira. Esse número acabou por ser conhecido como o número da «Viagem no Tempo».

O problema de Robert foi então encontrar uma história que se adequasse ao título que lhe tinha sido atribuído.

Portanto, tivemos uma sessão de *brainstorming*. Entre outras ideias inadequadas, eu sugeri uma história sobre um bebê humano, criado por uma raça alienígena. Robert disse que a ideia era demasiado grande para um conto, mas anotou-a. Nessa noite foi para o seu gabinete, escreveu umas notas extensas e guardou-as.

Para o título «Gulf» escreveu uma história bem diferente.

As notas ficaram vários anos num dossiê, até Robert começar a escrever o que viria a ser *Um Estranho numa Terra Estranha*. Por algum motivo, a história resistiu a tomar forma e ele pô-la de parte. Regressou algumas vezes ao manuscrito, mas só o concluiu em 1960; é essa a versão que têm agora nas mãos.

No contexto de 1960, *Um Estranho numa Terra Estranha* era um livro que os editores temiam — estava demasiado afastado dos caminhos habituais. Portanto, a fim de minimizar possíveis perdas, pediram a Robert para cortar o manuscrito até cerca de 150.000 palavras, eliminando cerca de 70.000. Também foram pedidas outras mudanças, até que o editor se mostrou disposto a arriscar a publicação.

Cortar cerca de um quarto de um livro longo e complicado era uma tarefa praticamente impossível. Mas no decurso de vários meses Robert conseguiu. A contagem final de palavras foi de 160.087. Robert estava convencido de que era impossível cortar mais, e o livro foi aceite com essa dimensão.

E permaneceu disponível durante 28 anos sob essa forma.

Em 1976, o Congresso aprovou uma nova Lei dos Direitos de Autor, a qual se dizia que, no caso de um autor morrer e a viúva ou viúvo renovar o *copyright*, todos os velhos contratos ficavam cancelados. Robert morreu em 1988 e no ano seguinte o *copyright* de *Um Estranho numa Terra Estranha* ficou sujeito a renovação.

Ao contrário de muitos outros autores, Robert guardara uma cópia do manuscrito datilografado original, conforme foi proposto para publicação, na biblioteca da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, seus arquivistas. Eu pedi uma cópia desse datiloscrito e cotejei-o com as

versões publicadas lado a lado. E cheguei à conclusão de que cortar o livro tinha sido um erro.

Portanto, enviei uma cópia do datiloscrito a Eleanor Wood, a agente de Robert. A Eleanor também leu as duas versões em conjunto e concordou com o meu veredicto. Portanto, depois da notificação ao editor, entregou-lhes uma cópia da nova/velha versão.

Ninguém se lembrava de que um corte tão drástico tinha sido feito a este livro; ao longo dos anos, todos os editores e pessoal dirigente da editora tinham mudado. E, assim, esta versão foi para eles uma completa surpresa.

Decidiram publicar a versão original, concordando que era melhor do que a cortada.

O leitor tem agora nas mãos a versão *original* de *Um Estranho numa Terra Estranha*, tal como foi escrita por Robert Anson Heinlein.

Os nomes próprios das personagens principais têm grande importância para o enredo. Foram cuidadosamente escolhidos: Jubal significa «o pai de todos», Michael significa «Quem é como Deus?». Deixo para o leitor descobrir o significado dos restantes.

— Virginia Heinlein  
Carmel, Califórnia



PRIMEIRA PARTE  
a sua origem maculada





## CAPÍTULO 1

Era uma vez, quando o mundo era novo, um marciano chamado Smith. Valentine Michael Smith era tão real como os impostos, mas era uma raça de um só.

A primeira expedição humana a viajar da Terra a Marte foi selecionada segundo a teoria de que o maior perigo para o homem no espaço era o próprio homem. Na época, apenas oito anos terranos depois da fundação da primeira colônia humana em Luna, qualquer viagem interplanetária feita por seres humanos tinha de ser realizada em cansativas órbitas em queda livre, semielipses de dupla tangente — duzentos e cinquenta e oito dias da Terra a Marte, os mesmos para a viagem de regresso, mais quatrocentos e cinquenta e cinco dias à espera em Marte, enquanto os dois planetas iam rastejando lentamente de regresso a posições relativas que permitissem dar forma à órbita de dupla tangente — um total de quase três anos terrestres.

Além da cansativa duração, a viagem era muito arriscada. Para conseguir fazer a viagem, a *Envoy* — aquele primitivo caixão voador — tinha de reabastecer numa estação espacial e depois seguir uma trajetória que quase a levaria a regressar à atmosfera terrestre. Uma vez em Marte, talvez fosse capaz de regressar — se não se despenhasse ao pousar, se se encontrasse em Marte água para encher os seus tanques de reação, se fosse possível encontrar em Marte alguma espécie de comida, se mil outras coisas não corressem mal.

Mas considerava-se que o perigo físico era menos importante do que as tensões psicológicas. Oito seres humanos, amontoados como macacos durante quase três anos terrestres, tinham de se dar muito melhor do que era hábito entre a espécie. Lições aprendidas anteriormente levaram ao veto de uma tripulação inteiramente masculina, por não ser saudável e ser socialmente instável. Decidira-se que uma tripulação de quatro casais era o ideal, se fosse possível encontrar as especialidades necessárias em tal combinação.

A Universidade de Edimburgo, contratante principal, subcontratou a seleção da tripulação ao Instituto de Estudos Sociais. Após descartar o joio dos voluntários inúteis usando critérios de idade, saúde, mentalidade, treino ou temperamento, o Instituto continuou a ter nove mil candidatos com quem trabalhar, todos são de corpo e mente e com pelo menos uma das especialidades necessárias. Esperava-se que o Instituto apresentasse várias tripulações aceitáveis de quatro casais.

Nenhuma foi encontrada. As especialidades necessárias eram astro-gador, médico, cozinheiro, maquinista, comandante de nave, linguista, engenheiro químico, engenheiro eletrônico, físico, geólogo, bioquímico, biólogo, engenheiro atômico, fotógrafo, técnico hidropônico, engenheiro de foguetões. Cada membro da tripulação teria de possuir mais de uma especialidade ou ser capaz de adquirir especialidades adicionais a tempo. Havia centenas de combinações possíveis de seis pessoas possuidoras destas especialidades; apareceram três combinações de quatro casais que possuíam não só as especialidades como também saúde e inteligência — mas em todos os três casos os técnicos de dinâmica de grupo que avaliaram os fatores temperamentais de compatibilidade atiraram aos mãos ao ar, horrorizados.

O contratante principal sugeriu reduzir o fator de qualidade; o Instituto ofereceu-se friamente para devolver o dólar que recebera de honorários. Entretanto, uma programadora de computador cujo nome não ficou registrado tinha posto as máquinas à caça de tripulações secundárias de três casais. Encontrou várias dúzias de combinações compatíveis, cada uma delas definindo, pelas suas próprias características, o casal necessário para as completar. Entretanto, as máquinas continuaram a passar em revista os dados, alterados por mortes, renúncias, novos voluntários, etc.

O Capitão Michael Brant, M. S., comandante na reserva das Forças de Defesa, piloto (licença ilimitada) e, aos trinta anos, veterano da corrida à Lua, parece ter tido um informador no Instituto, alguém que estava

disposto a procurar por ele os nomes de voluntárias solteiras que pudessem (com ele) completar uma tripulação e depois emparelhar o seu nome com os delas para fazer correr nas máquinas problemas de teste a fim de determinar se uma combinação possível seria ou não aceitável. Isso explicaria a sua iniciativa de voar até à Austrália e propor casamento à Dr.<sup>a</sup> Winifred Coburn, uma linguista solteirona, com cara de cavalo e nove anos mais velha. Os Arquivos de Carlsbad retratam-na com uma expressão de calmo bom humor, mas sem nada mais de atraente.

Ou então Brant pode ter agido sem informação interna, servindo-se apenas dessa característica de intuitiva audácia necessária para comandar uma exploração. Seja como for, piscaram luzes, foram cuspidos cartões perfurados e foi encontrada uma tripulação para a *Envoy*:

Capitão Michael Brant, comandante — piloto, astrogador, cozinheiro substituto, fotógrafo substituto, engenheiro de foguetões;

Dr.<sup>a</sup> Winifred Coburn Brand, quarenta e um anos, especialista em semântica, enfermeira, oficial de abastecimentos, historiadora;

Sr. Francis X. Seeney, vinte e oito anos, imediato, segundo piloto, astrogador, astrofísico, fotógrafo;

Dr.<sup>a</sup> Olga Kovalic Seeney, vinte e nove anos, cozinheira, bioquímica, técnica hidropónica;

Dr. Ward Smith, quarenta e cinco anos, médico e cirurgião, biólogo;

Dr.<sup>a</sup> Mary Jane Lyle Smith, vinte e seis anos, engenheira atômica, técnica de eletrônica e propulsão;

Sr. Sergei Rimsky, trinta e cinco anos, engenheiro eletrônico, engenheiro químico, maquinista e operador de instrumentação, criólogo;

Sr.<sup>a</sup> Eleanora Alvarez Rimsky, trinta e dois anos, geóloga e selenóloga, técnica hidropónica.

A tripulação possuía um conjunto de especialidades bem equilibrado, ainda que em alguns casos as especialidades secundárias tivessem sido adquiridas através de treino intensivo durante as últimas semanas prévias à descolagem. E, acima de tudo, tinham temperamentos mutuamente compatíveis.

Demasiado compatíveis, talvez.

A *Envoy* partiu sem atrasos nem incidentes. Durante a primeira parte da viagem, os relatórios diários eram captados com facilidade por ouvintes privados. À medida que se foi afastando e os sinais se tornaram mais fracos, passaram a ser captados e difundidos pelos satélites de rádio da Terra. A tripulação parecia estar de boa saúde e feliz. Uma epidemia de tinha foi

a pior coisa com que o Dr. Smith teve de lidar — a tripulação adaptou-se rapidamente à ausência de gravidade e não foram usados nenhuns medicamentos contra as náuseas depois da primeira semana. Se o Capitão Brant teve algum problema disciplinar, decidiu não o transmitir para a Terra.

A *Envoy* alcançou uma órbita de estacionamento logo abaixo da órbita de Fobos e passou duas semanas em reconhecimento fotográfico. Depois, o Capitão Brant transmitiu: «Vamos tentar pousar às 12:00 TSG de amanhã, logo a sul de Lacus Soli.» Não foi recebida mais nenhuma mensagem.

## CAPÍTULO 2

Passou-se um quarto de século terrestre até Marte voltar a ser visitado por seres humanos. Seis anos depois de a *Envoy* se remeter ao silêncio, a sonda automática *Zombie*, patrocinada conjuntamente pela Geographic Society e pela Société Astronautique Internationale, ultrapassou o vazio, manteve-se em órbita durante o período de espera e depois regressou. As fotografias tiradas pelo veículo robótico mostraram uma terra pouco atraente pelos padrões humanos; os seus instrumentos de registo confirmaram a rarefa  o e inadequa  o da atmosfera areana para a vida humana.

Mas as imagens da *Zombie* mostraram claramente que os «canais» eram uma espécie qualquer de obra de engenharia e havia outros detalhes que só podiam ser interpretados como ruínas de cidades. Teria certamente sido montada sem demora uma expedi  o tripulada de grande escala, se a Terceira Guerra Mundial não tivesse intervindo.

Mas a guerra e o atraso acabaram por resultar numa expedi  o muito mais forte e segura do que a da perdida *Envoy*. A Nave da Federa  o *Champion*, tripulada por uma tripula  o inteiramente masculina de dezoito experimentados homens do espaço e transportando um número superior de pioneiros de sexo masculino, fez a travessia utilizando a propulsão Lyle em apenas dezanove dias. A *Champion* aterrou mesmo a sul de Lacus Soli, pois o Capitão van Tomp pretendia procurar a *Envoy*. A segunda expedi  o

enviava por rádio relatórios diários para a Terra, mas três comunicações tiveram um interesse superior ao científico. A primeira foi:

«O Foguetão *Envoy* foi localizado. Não há sobreviventes.»

O segundo abalo foi: «Marte é habitado.»

O terceiro foi: «Correção à comunicação 23-105: foi localizado um sobrevivente da *Envoy*.»

### CAPÍTULO 3

**O** Capitão Willem van Tromp era um homem dotado de humanidade e bom senso. Comunicou antecipadamente por rádio: «O meu passageiro não pode, repito, não pode ser sujeito à tensão de uma recepção pública. Forneçam um vaivém de baixa-g, maca e serviço de ambulância e uma guarda armada.»

Enviou também o cirurgião da nave, o Dr. Nelson, para se assegurar de que Valentine Michael Smith era instalado numa suíte do Centro Médico de Bethesda, transferido suavemente para uma cama hidráulica e protegido dos contactos com o mundo exterior por guardas dos marines. O próprio Van Tromp foi a uma sessão extraordinária do Conselho Superior da Federação.

No momento em que Valentine Michael Smith estava a ser erguido para a cama, o ministro-chefe da Ciência dizia com irritação:

— Apesar, Capitão, de a sua autoridade como comandante militar daquilo que apesar de tudo era uma expedição científica lhe dar o direito de encomendar serviços médicos invulgares para proteger uma pessoa temporariamente a seu cargo, não vejo por que motivo haveria de ter a pretensão de interferir com as funções próprias do meu departamento. O Smith é um verdadeiro tesouro de informação científica, que raio!

— Sim. Suponho que seja, senhor.

— Então porque é que... — O ministro da Ciência interrompeu-se e



virou-se para o ministro-chefe da Paz e Segurança Militar. — David? Este assunto está agora claramente sob a minha jurisdição. Não quer dar as instruções necessárias à sua gente? Afinal de contas, não podemos manter pessoas do calibre do Professor Kennedy e do Doutor Okajima, para mencionar apenas duas, indefinidamente à espera. Eles não o vão aceitar.

Em vez de responder, o ministro da Paz deitou um olhar inquisitivo ao Capitão van Tromp. O capitão abanou a cabeça.

— Não, senhor.

— Porque não? — perguntou o ministro da Ciência. — Já admitiu que ele não está doente.

— Dê ao capitão oportunidade de explicar, Pierre — aconselhou o ministro da Paz. — Então, capitão?

— O Smith não está doente, senhor — disse o Capitão van Tromp ao ministro da Paz — mas também não está bem. Nunca tinha estado num campo de gravidade. Agora pesa mais de duas vezes e meia o peso a que estava habituado e os seus músculos não aguentam. Não está habituado à pressão atmosférica normal da Terra. Não está habituado a *nada* e é provável que a tensão seja demasiada para ele. Diabo, cavalheiros, eu próprio estou cansado como um cão só por estar outra vez a um gê... e eu nasci neste planeta.

O ministro da Ciência fez um ar de menosprezo.

— Se a fadiga da aceleração é tudo o que o preocupa, deixe-me assegurar-lhe, caro capitão, de que pensámos nisso. A sua respiração e atividade cardíaca vão ser observadas cuidadosamente. Não somos inteiramente desprovidos de imaginação e prudência. Afinal de contas, eu próprio estive lá fora. Sei como é. Este homem, o Smith, deve...

O Capitão van Tromp decidiu que estava na altura de fazer uma birra. Podia desculpá-la com a fadiga — uma fadiga muito real, sentia-se como se tivesse acabado de pousar em Júpiter — e estava presunçosamente consciente de que nem um conselheiro-chefe se podia dar ao luxo de seguir uma linha demasiado dura com o comandante da primeira expedição bem sucedida a Marte.

Portanto, interrompeu o ministro com uma fungadela de descontentamento.

— *Unhf!* «Este homem, o Smith»... Este «*homem*»! Será que não consegue perceber que é precisamente isso que ele não é?

— Hã?

— O... Smith... não... é... um... *homem*.

— Quê? Explique-se, capitão.

— O Smith não é um *homem*. É uma criatura inteligente com os genes de um homem e progenitores humanos, mas não é um homem. É mais marciano que homem. Até nós aparecermos, nunca tinha posto os olhos num ser humano. Pensa como marciano, sente como marciano. Foi criado por uma raça que não tem nada em comum connosco. Ora, se nem sequer têm sexo. O Smith nunca pousou os olhos numa mulher... e ainda não pousou, se as minhas ordens foram cumpridas. É um homem por ascendência, um marciano por ambiente. Portanto, se quiser deixá-lo doido e desperdiçar esse «tesouro de informação científica», chame os seus professores cabeçudos e deixe que o incomodem. Não lhe dê a oportunidade de ficar bom e forte e habituado ao manicómio que é este planeta. Força, esprema-o como a uma laranja. Por mim, estou-me nas tintas; já fiz o meu trabalho.

O silêncio que se seguiu foi quebrado suavemente pelo Secretário-Geral Douglas em pessoa.

— E foi um belo trabalho, capitão. Refletiremos sobre o seu conselho e garanto-lhe que não faremos nada apressadamente. Se esse homem, ou homem marciano, precisa de alguns dias para se adaptar, tenho a certeza de que a ciência pode esperar... portanto tenha lá calma, Pete. Adiemos esta parte da discussão, cavalheiros, e passemos a outros assuntos. O Capitão van Tromp está cansado.

— Há uma coisa que não pode esperar — disse o ministro da Informação Pública.

— Hã, Jock?

— Se não mostrarmos bem depressa o Homem de Marte nos estereotiques, teremos motins entre mãos, senhor secretário.

— Hmmm... Exagera, Jock. Coisas marcianas nas notícias, com certeza. Eu a condecorar o capitão e a sua valente tripulação... é melhor ser amanhã. O Capitão van Tromp a falar das suas experiências... depois de uma noite de descanso, claro, capitão.

O ministro abanou a cabeça.

— Não serve, Jock?

— O público esperava que a expedição trouxesse pelo menos um marciano verdadeiro e vivo para o olharem embasbacados. Como não trouxe, precisamos do Smith e precisamos dele com urgência.

— «Marcianos vivos»? — O Secretário-Geral Douglas virou-se para o Capitão van Tromp. — Vocês têm filmes dos marcianos, não têm?

— Milhares de metros de fita.

— Aí tem a sua resposta, Jock. Quando o material ao vivo começar a escassear, saque dos filmes dos marcianos. As pessoas vão adorar. Bom, capitão, e quanto a essa possível extraterritorialidade: o senhor diz que os marcianos não se opuseram?

— Bem, não, senhor... mas também não se mostraram favoráveis.

— Não estou a entendê-lo.

O Capitão van Tromp mordeu o lábio.

— Senhor, não sei bem como explicar. Falar com um marciano é quase como falar com um eco. Não se tem uma discussão, mas também não se obtêm resultados.

— Dificuldade semântica? Talvez devesse ter trazido hoje consigo aquele fulano, o seu especialista em semântica. Ou será que está à espera lá fora?

— O Mahmoud, senhor. Não, o Doutor Mahmoud não está bem. Uma... um ligeiro esgotamento nervoso, senhor. — Van Tromp refletiu que estar bêbado que nem um cacho era o equivalente moral disso.

— Alegria espacial?

— Um pouco, talvez. — Malditos abelhudos!

— Bem, traga-o cá quando se sentir melhor. Imagino que o jovem Smith possa ser útil como intérprete.

— Talvez — disse Van Tromp com ar de dúvida.

O jovem Smith estava de momento ocupado simplesmente com manter-se vivo. O seu corpo, insuportavelmente comprimido e enfraquecido pela estranha forma do espaço naquele lugar inacreditável, estava pelo menos algo aliviado pela fofura do ninho onde os outros o tinham colocado. Desistiu do esforço de o sustentar e dirigiu o terceiro nível para a respiração e batimentos cardíacos.

Percebeu imediatamente que estava prestes a consumir-se. Os pulmões batiam quase com tanta força como faziam em casa, o coração corria para distribuir o influxo, tudo numa tentativa de lidar com o aperto do espaço — e isto numa situação em que estava a ser asfxiado pela atmosfera venenosamente rica e perigosamente quente. Tomou medidas imediatas.

Quando o ritmo cardíaco desceu até vinte batimentos por minuto e a respiração se tornou quase impercetível, manteve-os assim e observou-se durante tempo suficiente para se assegurar de que não iria desincorporar-se inadvertidamente enquanto tivesse a atenção virada para outro lado.

Quando se convenceu de que tudo estava a correr devidamente, pôs de guarda uma minúscula porção do seu segundo nível e retirou o resto de si. Era uma necessidade, para passar em revista as configurações dos muitos acontecimentos novos, a fim de os ajustar a si e depois acarinhá-los e elogiá-los — não fossem eles engoli-lo.

Por onde devia começar? Pelo momento em que saíra de casa, envolvendo aqueles outros que eram agora seus camaradas de ninho? Ou simplesmente pela sua chegada àquele lugar esmagador? Foi subitamente assaltado pelas luzes e sons dessa chegada, voltando a senti-la com uma dor capaz de abalar a mente. Não, ainda não estava pronto para acarinhar e abraçar essa configuração — para trás! para trás! mais para trás do que o primeiro contacto com os outros que eram agora seus. Mais para trás até do que a cura que se seguira ao momento em que pela primeira vez grocara que não era como os seus irmãos de ninho... para trás, de volta ao próprio ninho.

Nenhum dos seus pensamentos tomara forma em símbolos da Terra. Aprendera recentemente a falar inglês simples, mas com muito menor facilidade do que a que um hindu sente ao negociar com um turco. Smith usava o inglês como se poderia usar um livro de receitas, com uma tradução entediante e imperfeita de cada símbolo. Agora, os seus pensamentos, puras abstrações marcianas provenientes de meio milhão de anos de uma cultura intensamente alienígena, viajavam até tão longe de qualquer experiência humana que se tornavam totalmente intraduzíveis.

Na sala adjacente, um interno, o Dr. «Tad» Thaddeus, jogava *cribbage* com Tom Meechum, o enfermeiro especial de Smith. Thaddeus tinha um olho posto nos instrumentos e ambos nas cartas; apesar disso, reparava em cada pulsação do seu paciente. Quando uma luz intermitente saltou de noventa e duas pulsações por minuto para menos de vinte, pôs as cartas de parte, levantou-se de um salto e correu para o quarto de Smith com Meechum logo atrás.

O paciente flutuava na pele flexível da cama hidráulica. Parecia estar morto. Thaddeus soltou uma breve praga e exclamou:

— Vá buscar o Doutor Nelson!

Meechum disse:

— Sinssanhor! — e acrescentou: — E o material de choque, doutor? Ele está KO.

— Vá buscar o Doutor Nelson!

O enfermeiro saiu a correr. O interno examinou o paciente tão de perto quanto possível, mas absteve-se de lhe tocar. Ainda estava a fazê-lo quando

um médico mais velho entrou, caminhando com o laborioso embaraço de um homem que passara muito tempo no espaço e ainda não se adaptara à gravidade elevada.

— Então, Doutor?

— A respiração, a temperatura e as pulsações do paciente caíram de repente, hum, há cerca de dois minutos, senhor.

— Que foi que lhe fez ou que fez por ele?

— Nada, senhor. As suas instruções...

— Ótimo. — Nelson examinou brevemente Smith, depois estudou os instrumentos atrás da cama, idênticos aos da sala de observação. — Informe-me caso haja alguma alteração. — E começou a ir-se embora.

Thaddeus pareceu surpreso.

— Mas doutor... — e interrompeu-se.

Nelson disse sombriamente:

— Diga, doutor. Qual é o seu diagnóstico?

— Hum... eu não queria interferir com o seu paciente, senhor.

— Deixe lá isso. Pedi-lhe o diagnóstico.

— Muito bem, senhor. Choque... talvez atípico — arriscou — mas choque, conduzindo a estado terminal.

Nelson concordou com a cabeça.

— Bastante razoável. Mas este caso não é razoável. Descontraia-se, filho. Eu vi este paciente neste estado meia dúzia de vezes durante a viagem de regresso. Não quer dizer rigorosamente nada. Observe. — Nelson ergueu o braço direito do paciente e largou-o. O braço ficou onde o deixara.

— Catalepsia? — perguntou Thaddeus.

— Chame-lhe o que quiser. Chamar perna a uma cauda não a transforma em perna. Não se preocupe, doutor. Não há nada de típico neste caso. Limite-se a impedir que o incomodem e chame-me se houver alguma mudança. — Voltou a pôr o braço de Smith no lugar.

Depois de Nelson sair, Thaddeus deitou mais um olhar ao paciente, abanou a cabeça e foi-se juntar a Meechum na sala de observação. Meechum pegou nas cartas e disse:

— *Cribbage*?

— Não.

Meechum aguardou e depois acrescentou:

— Doutor, se quer saber o que penso, aquele ali dentro vai esticar o pernil antes que a noite acabe.

— Ninguém lhe perguntou nada.

— Erro meu.

— Vá fumar um cigarro lá fora com os guardas. Quero pensar.

Meechum encolheu os ombros e saiu. Thaddeus abriu uma das gavetas de baixo, tirou de lá uma garrafa e serviu-se de uma dose destinada a ajudá-lo a pensar. Meechum foi-se juntar aos guardas no corredor; estes puseram-se em sentido, mas depois de verem quem era descontraíram-se. O marine mais alto disse:

— Olá, amigo. O que foi aquela excitação toda agora mesmo?

— Nada de especial. O paciente acabou de ter uma ninhada de cinco gêmeos e estávamos a discutir sobre os nomes que haveríamos de lhes dar. Qual de vocês tem uma beata? E um isqueiro?

O outro marine tirou de um bolso um maço de cigarros.

— Você é sempre um tretas assim tão grande? — perguntou, com uma expressão sombria.

— Não, só às vezes. 'Brigado. — Meechum enfiou o cigarro na boca e falou à volta dele. — Com toda a honestidade, cavalheiros, eu não sei nada sobre este paciente. Bem gostava de saber.

— Qual é a ideia das ordens sobre «Absolutamente Nenhuma Mulher»? Ele é alguma espécie de maníaco sexual?

— Que eu saiba, não. Tudo o que sei é que o trouxeram da *Champion* e disseram que devia ter sossego absoluto.

— A *Champion*! — disse o primeiro marine. — Claro! Isso explica tudo.

— Explica o quê?

— É evidente. Ele não teve nenhuma, não viu nenhuma, não tocou em nenhuma... durante meses. E está doente, percebe? Têm medo que se pusesse as mãos em alguma acabasse por se matar. — Piscou o olho e esvaziou os pulmões de ar. — Eu aposto que me matava, se estivesse no lugar dele. Não admira que não queiram que tenha gajas por perto.

Smith estivera consciente da visita dos médicos mas grocara imediatamente que as suas intenções eram benignas; não era necessário forçar a maior parte de si a voltar de onde se encontrava.

À hora da manhã em que os enfermeiros humanos esbofeteavam as caras dos pacientes com panos frios e húmidos sob o alibi de os lavar, Smith regressou da viagem. Acelerou o coração, aumentou a respiração e voltou a reparar com serenidade no que o rodeava. Examinou a sala, tomando nota

de todos os seus detalhes, quer importantes quer não, sem discriminar e com apreço. Estava, de facto, a vê-la pela primeira vez, visto que não fora capaz de a envolver quando fora trazido para ali no dia anterior. Aquela sala comum não era comum para ele; em todo o planeta Marte não havia nada que se parecesse remotamente com ela, e tampouco se assemelhava aos compartimentos em forma de cunha e com paredes de metal da *Champion*. Mas, tendo revivido os acontecimentos que ligavam o seu ninho àquele lugar, estava agora preparado para o aceitar, o elogiar e o acarinhar até certo ponto.

Tomou consciência de que havia outra criatura viva na sala com ele. Um aranhaço estava a fazer uma viagem fútil vindo do teto, a tecer teia à medida que descia. Smith observou-o com deleite e perguntou a si mesmo se ele seria uma forma larvar de homem.

O Dr. Archer Frame, o interno que substituíra Taddeus, entrou nesse momento.

— Bom dia — saudou. — Como se sente?

Smith revirou a pergunta na cabeça. Reconheceu a primeira frase como um som formal, que não exigia resposta mas podia ser repetido — ou podia não o ser. A segunda frase estava listada na sua mente com várias traduções possíveis. Se era o Doutor Nelson a usá-la queria dizer uma coisa; se era o Capitão van Tromp, era um som formal que não precisava de resposta.

Sentiu aquela consternação que tantas vezes o dominava quando tentava comunicar com aquelas criaturas — uma sensação assustadora que lhe era desconhecida até encontrar os homens. Mas forçou o corpo a permanecer calmo e arriscou uma resposta.

— Sentir bom.

— Bom! — ecoou a criatura. — O Doutor Nelson vai chegar não tarda. Acha-se bom para um pequeno-almocinho?

Todos os cinco símbolos da pergunta constavam do vocabulário de Smith, mas ele teve dificuldade em acreditar que os compreendera corretamente. Sabia que era comida, mas não «se achava bom» para comida. E também não tinha sido avisado de que poderia vir a ser escolhido para uma tal honra. Não soubera que as reservas de comida eram tais que se tornava necessário reduzir o grupo corporizado. Encheu-se de uma branda pena, pois ainda havia tanto a grocar naqueles novos acontecimentos, mas sem relutância.

A entrada do Dr. Nelson aliviou-o do esforço de traduzir uma

resposta. O médico da nave tivera pouco descanso e menos sono; não perdeu tempo com palavras, inspecionando em silêncio Smith e o conjunto de instrumentos.

Depois virou-se para Smith.

— Os intestinos funcionam?

Smith compreendeu aquilo; Nelson fazia sempre aquela pergunta.

— Não, ainda não.

— Temos de tratar disso. Mas primeiro come. Assistente, traga essa bandeja.

Nelson deu-lhe à boca duas ou três colheradas, mas depois exigiu que ele segurasse a colher e se alimentasse sozinho. Era cansativo, mas deu-lhe uma sensação de alegre triunfo, pois essa fora a primeira atividade que executara sem auxílio desde que chegara àquele espaço estranhamente distorcido. Limpou a tigela e lembrou-se de perguntar:

— Quem é este? — para poder elogiar o seu benfeitor.

— O que é isto, queres tu dizer — respondeu Nelson. — É uma geleia alimentar sintética, com base em aminoácidos... e agora sabes tanto como sabias antes. Acabaste? Muito bem, sai dessa cama.

— Perdão? — Era um símbolo de atenção que aprendera ser útil quando a comunicação falhava.

— Eu disse para saíres daí. Endireita-te. Levanta-te. Anda por aí. Consegues fazê-lo. Sim, estás fraco como um gatinho, mas nunca irás ganhar músculo a flutuar nessa cama. — Nelson abriu uma válvula à cabeceira da cama; correu água para fora. Smith conteve uma sensação de insegurança, sabendo que Nelson era seu amigo. Pouco depois estava deitado na base da cama com a cobertura à prova de água toda enrugada à sua volta. Nelson acrescentou: — Doutor Frame, pegue no outro cotovelo. Vamos ter de o ajudar e equilibrar.

Com o Dr. Nelson a encorajá-lo e os dois a ajudá-lo, Smith levantou-se e cambaleou por cima da borda da cama.

— Calma. Agora levanta-te sozinho — ordenou Nelson. — Não tenhas medo. Nós apanhamos-te se for necessário.

Ele fez o esforço e ficou de pé sem ajuda — um jovem esguio com músculos subdesenvolvidos e um peito sobredesenvolvido. O cabelo fora-lhe cortado na *Champion* e a pouca barba removida. A sua característica mais marcada era a cara branca, sem expressão, quase de bebé... com olhos que teriam parecido mais adequados num homem de noventa anos.

Ficou um momento sozinho, a tremer ligeiramente, e depois tentou



andar. Consegui dar três passos arrastados e fez um sorriso luminoso e infantil.

— Lindo menino! — aplaudiu Nelson.

Tentou dar outro passo, começou a tremer violentamente e de súbito caiu. Mal conseguiram amparar-lhe a queda.

— Bolas! — irritou-se Nelson. — Entrou noutro. Venha cá, ajude-me a subi-lo para a cama. Não: encha-a primeiro.

Foi o que Frame fez, interrompendo o fluxo de água quando a película fluuava a quinze centímetros do topo. Içaram-no lá para cima, com dificuldade, porque ele se imobilizara na posição fetal.

— Ponha-lhe uma almofada cervical debaixo do pescoço — instruiu Nelson — e chame-me quando ele sair do transe. Não... deixe-me dormir, estou a precisar. A menos que alguma coisa o preocupe. Voltamos a fazê-lo andar esta tarde e amanhã começamos o exercício sistemático. Daqui a três meses já há de baloiçar nas árvores como um macaco. Não há nada realmente errado com ele.

— Sim, doutor — respondeu Frame com uma expressão de dúvida.

— Oh sim, quando ele sair do transe ensine-o a usar a casa de banho. Peça ajuda ao enfermeiro; não quero que ele caia.

— Sim, senhor. Hum, algum método específico de... quer dizer... como...

— Hã? Mostre-lhe, claro! Demonstre. É provável que ele não entenda muito do que lhe disser, mas é esperto como uma raposa. Antes que a semana acabe já há de estar a tomar banho sozinho.

Smith almoçou sem ajuda. Pouco depois, um auxiliar do sexo masculino entrou para lhe levar a bandeja. O homem olhou em volta, depois veio até à cama e debruçou-se sobre ele.

— Escute — disse em voz baixa. — Tenho uma proposta choruda para si.

— Perdão?

— Um acordo, um negócio, uma maneira de fazer um monte de dinheiro rápida e facilmente.

— «Dinheiro»? O que é «dinheiro»?

— Deixe lá a filosofia; toda a gente precisa de dinheiro. E agora escute. Vou ter de falar depressa porque não posso aqui ficar por muito tempo... e precisei de pensar muito para cá chegar. Represento a Peerless Features. Pagamos-lhe sessenta mil pela sua história exclusiva e não lhe vai dar trabalho nenhum: temos os melhores *ghost writers* do mercado. Você limita-se a falar e a responder a perguntas; eles tratam do resto.

— Sacou de um papel. — Só tem de ler isto e assinar. Tenho comigo o adiantamento.

Smith aceitou o papel, fitou-o com ar pensativo, segurando-o de pernas para o ar. O homem olhou para ele e abafou uma exclamação.

— Jasus! Você não sabe ler inglês?

Smith compreendeu o suficiente para responder.

— Não.

— Bom... Pronto, eu leio-lhe o contrato e depois você põe a impressão do polegar no quadrado e eu sirvo de testemunha. «Eu, o abaixo assinado, Valentine Michael Smith, por vezes conhecido como o Homem de Marte, concedo e atribuo à Peerless Features, Limited, os direitos completos e exclusivos da minha história verídica a ser intitulada *Fui Prisioneiro em Marte*, em troca de...»

— Auxiliar!

O Dr. Frame estava parado à porta da sala de observação; o papel desapareceu na roupa do homem.

— Vou já, senhor. Estava só a trazer a bandeja.

— O que estava a ler?

— Nada.

— Eu vi. Deixe lá, saia daí depressa. Este paciente não deve ser incomodado. — O homem obedeceu; o Dr. Frame fechou a porta atrás de ambos. Smith ficou imóvel durante a meia hora seguinte mas, por mais que tentasse, não conseguiu grocar nada daquilo.